

Este conto pertence ao livro
Um dia, com calma, eu te conto... Histórias e Memórias do João do Açúcar

MICRO E MACRO CIVILIZAÇÕES

Era um domingo de sol quente. João do Açúcar levantara-se mais tarde do que o costume, pois tinha dormido depois das 3 da madrugada, empolgado que estava com a leitura de *O Pirotécnico Zacarias*, de Murilo Rubião. Fez suas coisas de rotina, saiu para comprar o jornal e voltou a casa. Enquanto lia as notícias, sentado à mesa da copa, sua atenção ficou dividida entre as grandes enchentes em São Paulo, o terremoto no Japão, o tufão devastador nas Filipinas e um montinho de formigas que se agitavam em torno de um pequeno farelo de biscoito. Em poucos minutos, embora continuasse a ler, pensou na fragilidade do mundo das formigas.

— Será que elas não percebem o risco que estão correndo, diante de mim, um gigante, que com um simples gesto, pode massacrar as infelizes. As baratas são mais sábias, agem às escondidas e, no momento em que sentem a presença humana, fogem a fim de se esconder. As moscas e os pernilongos são insolentes, atrevidos, desaforados e insistentes; mas como voam, têm suas defesas. As formigas, não, ou por ousadia, ou por ignorância, afrontam o perigo sem grandes preocupações. Bichinho burro.

João do Açúcar foi à cozinha beber um copo-d'água e viu, dentro da pia, outro montinho de formigas, em torno de nem-dava-para-ver-o-que-era. Abriu a torneira de água quente e observou a cena. Que morte horrível! Primeiro o turbilhão e o barulho ensurdecido do jato forte, chocando-se com a chapa de aço inoxidável; em seguida a massa imensa de líquido com ondas altíssimas de três centímetros de altura, levando de roldão pequenos dejetos em direção ao ralo escuro que, como um buraco negro sideral, sugava com seu rodãozinho tudo aquilo

que estivesse no espaço confinado da pia. Uma formiga, coitada, tentava agarrar-se num miolinho de pão, mas ao passar debaixo da torneira, foi lançada a um palmo de distância. Teria valido a pena a incursão das formigas em lugar tão perigoso? Claro que não. Ou será que a fome quando é grande atrapalha o raciocínio ou impede o exercício das virtudes, como por exemplo, a prudência? Não teriam esses bichos incomodativos outros lugares para ir, longe dos perigos que os humanos possam oferecer? Terminada a mortandade por afogamento, João do Açúcar ainda despejou uma boa dose de detergente que, nos confins do encanamento, levaria gases mortíferos e ácidos deformadores para alguma sobrevivente que vagasse nas trevas do inferno.

João do Açúcar voltava para o seu jornal, quando percebeu que o céu tinha mudado, havia nuvens mais escuras, muito escuras. Começou a chover forte, água contínua, não em pingos, e as ruas começaram a inundar-se com grande velocidade. Automóveis eram arrastados, casas derrubadas, pessoas gritavam, afogavam-se, e tudo era levado para um imenso bueiro, onde desapareciam sem deixar vestígios. A água já estava nos vigésimos andares dos edifícios mais altos quando João do Açúcar, admirado, ainda pôde ver, com clareza, uma imensa torneira entre os cúmulos e os nimbos, jorrando sua água em espantosa profusão.

My God! Diriam os americanos do norte, nós que pensávamos estar num mundo chamado Terra, criando a civilização, inventando ciências, filosofias e doutrinas, explicativas e justificativas da nossa existência, estamos dentro de uma pia gigante, em direção ao ralo escuro e tenebroso da ignorância e da incerteza. Talvez, a única explicação para um fato dessa natureza é que o tempo dos gigantes deve ser também gigantesco. Entre uma e outra arrumação de pia, muitos séculos dos nossos devem ter passados. O famoso dilúvio deve ter sido a última.